

TRISTE
≡ FIM DE ≡
POLICARPO
QUARESMA

ANOSTRA

LIMA BARRETO

TRISTE
FIM DE
POLICARPO
QUARESMA

Ilustrações de Rodi Castro
Prefácio de André Caramuru

TORDSILHAS
FABULOUS CLASSICS

Triste fim de Policarpo Quaresma

Copyright © 2026 Tordesilhas Fabulous Classics é um selo da Alaúde Editora Ltda., editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

ISBN: 978-65-5568-276-2

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2026 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

B273t

1.ed. Barreto, Lima, 1881-1922

Triste fim de Policarpo Quaresma / Lima Barreto. -

1.ed. - Rio de Janeiro : Tordesilhas, 2026.

224 p.; 15,4 x 23 cm.

ISBN 978-65-5568-276-2

1. Romance brasileiro. I. Título.

05-2025/172

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Material de apoio e erratas: Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books

Diretor Editorial: Anderson Vieira

Vendas Governamentais: Cristiane Mutús

Coordenadora Editorial: Mariana Portugal

Produtora Editorial: Luana Maura

Revisão: Maria Beatriz Medina & Kamila Wozniak

Aparato: André Caramuru

Ilustrações demio: Rodi Castro

Diagramação: Joyce Matos

Capa: Paulo Gomes



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré

CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)

Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419

www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br



Editora
afiliada à:



A João Luiz Ferreira
Engenheiro civil

ANOSTRA



Le grand inconvénient de la vie réelle et ce qui la rend insupportable à l'homme supérieur, c'est que, si l'on y transporte les principes de l'idéal, les qualités deviennent des défauts, si bien que fort souvent l'homme accompli y réussit moins bien que celui qui a pour mobiles l'égoïsme ou la routine vulgaire.

Ernest Renan, Marc-Aurèle et la fin du monde antique.

O grande inconveniente da vida real e o que a torna insuportável ao homem superior é que, se para ela se transporta os princípios do ideal, as qualidades se tornam defeitos, tanto que, com muita frequência, o homem íntegro é menos bem-sucedido do que aquele que se move pelo egoísmo ou pela rotina vulgar.

Ernest Renan, Marco Aurélio e o Fim do Mundo Antigo.

SUMÁRIO

O triste Brasil de Policarpo Quaresma, X

Primeira parte, XXV

Capítulo 1: A lição de violão, 1

Capítulo 2: Reformas radicais, 15

Capítulo 3: A notícia do Genelício, 27

Capítulo 4: Desastrosas consequências
de um requerimento, 41

Capítulo 5: O bibelot, 53





Segunda parte, 65

Capítulo 1: No Sossego, **67**

Capítulo 2: Espinhos e flores, **79**

Capítulo 3: Golias, **91**

Capítulo 4: “Peço energia, siga já”, **105**

Capítulo 5: O trovador, **117**

Terceira parte, 127

Capítulo 1: Patriotas, **129**

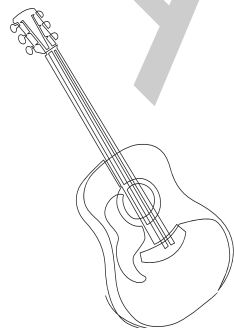
Capítulo 2: Você, Quaresma, é um visionário, **145**

Capítulo 3: ...E tornaram logo silenciosos..., **157**

Capítulo 4: O Boqueirão, **171**

Capítulo 5: A afilhada, **185**

Sobre o Autor, **197**



OTRISTE BRASIL
~ DE POLICARPO ~
QUARESMA





Por que ler este clássico? Ora, o que ficamos tentados a dizer, caro leitor, é: ignore por enquanto o peso da palavra “clássico” e simplesmente mergulhe, de corpo e alma, numa das mais deliciosas obras da literatura brasileira de todos os tempos. O romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, considerado a obra-prima de Lima Barreto, é ao mesmo tempo irônico, inteligente, cínico, alegre, profundo e triste. Vamos com calma, porém, porque é sempre útil e enriquecedor para a leitura saber mais sobre a vida do autor, o contexto em que a obra foi escrita e, ainda, como ela se insere no quadro mais amplo da produção literária nacional, que é o que faremos nos próximos parágrafos. Mas podemos adiantar a você, leitor, que este livro é considerado um “clássico” não porque seja difícil ou pomposo, muito pelo contrário, mas porque é diferente de tudo o que já se havia escrito no Brasil até então; porque exerceu enorme influência sobre o que se escreveu depois; e porque, mais importante, é profundo, crítico, bem concebido, e muito divertido. Não tenha dúvida, leitor: ao terminar a leitura de *Policarpo Quaresma*, você será mais um no numeroso grupo dos admiradores incondicionais de Lima Barreto.

LIMA BARRETO E O BRASIL DA PRIMEIRA REPÚBLICA

O Brasil dos anos de transição entre os séculos XIX e XX passou por tantas e tamanhas mudanças que era difícil, até para quem viveu naquela época, compreender e se adaptar ao que estava acontecendo. Basta dizer que, no início de 1888, por exemplo, ainda éramos uma monarquia escravagista em que barões retrógrados mantinham suas fazendas de café ou cana-de-açúcar na base da reclusão e castigo físico dos trabalhadores escravizados. Apenas 35 anos depois, vivíamos sob uma república em que todos eram cidadãos iguais perante a lei, havia fábricas, os bondes e os automóveis zuniam pelas ruas e já passáramos pela Semana de Arte Moderna de 1922. Mas, como sempre costuma acontecer, ainda que de uma maneira geral as coisas tenham melhorado, houve os que ficaram pelo caminho, aqueles para quem a República nada trouxe de bom.

Afonso Henriques de Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro em maio de 1881, nos anos finais do Império, viveu e escreveu nos primeiros anos da Re-

pública. A mãe, Amália Augusta, era professora. O pai, João Henriques, era tipógrafo, e trabalhava na Imprensa Oficial, para a qual fora contratado por recomendação do visconde de Ouro Preto, um dos mais poderosos políticos dos últimos anos do Império, que foi, também, o padrinho de batismo do futuro escritor. Mãe e pai, mulatos, descendiam de escravizados. A família Lima Barreto (na qual Afonso Henriques era um dos quatro filhos) estava longe de uma existência de luxos, mas era feliz e vivia dignamente, num padrão que, em termos atuais, poderia ser classificada como de classe média. O futuro, porém, estava à espreita logo ali na esquina, e não se mostraria nem um pouco generoso.

A sorte dos Lima Barreto começou a mudar em 1887, com a morte prematura de Amália Augusta, sobrecarregando o pai tanto financeiramente quanto no cuidado com os filhos. Dois anos depois, veio a República, e o que já estava ruim, piorou. O fim da velha monarquia escravagista, que a princípio poderia parecer uma bênção para uma família descendente de escravizados, na verdade foi o oposto. João Henriques era visto como um apadrinhado do visconde de Ouro Preto, que foi o presidente deposto do último Conselho de Ministros do Império (cargo equivalente ao de primeiro-ministro), e exilado junto com D. Pedro II em novembro de 1889. Consequentemente, com a mudança no comando das instituições, o veterano tipógrafo não demorou a ser demitido de seu precioso emprego na Imprensa Nacional, responsável pela edição dos documentos oficiais do governo.

Segundo a conhecida frase do personagem Tancredi, no romance de 1957 *O Leopardo*, de Giuseppe Tomasi di Lampedusa, “às vezes as coisas precisam mudar para permanecer como estão.” De certa forma, foi o que aconteceu no Brasil a partir da Proclamação da República, com muitas mudanças que às vezes pareciam ser mudança alguma. A velha oligarquia rural do Império permaneceu poderosa, com os antigos barões latifundiários substituídos pelos coronéis igualmente latifundiários. Contudo, eles não estariam sozinhos, pois novos atores foram introduzidos na vida política. Entre estes, os mais importantes eram os militares, grupo que Lima Barreto iria se esmerar em odiar.

Casta praticamente ausente nas estruturas de poder ao longo de quase todo o regime monárquico, os militares começaram a ganhar força a partir da Guerra do Paraguai (1864-1870), e foram eles os grandes articuladores do golpe que depôs, em 15 de novembro, D. Pedro II e proclamou a República. Não por acaso, os dois primeiros presidentes, Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, eram marechais, a mais alta patente do exército. Desde então, como bem sabemos, ora mais, ora menos, os militares jamais deixaram de interferir na política brasileira. E, nos primeiros anos da República, justamente os da juventude de Lima Barreto, eles interferiam pesadamente.

Com a chegada da República e os militares no poder, e também com o apoio entusiasmado de intelectuais positivistas¹, dois grupos que Lima Barreto detestava, houve um grande incentivo ao nacionalismo exacerbado. Esse sentimento servia como um excelente contraponto à monarquia deposta, pois, ainda que ninguém negasse o patriotismo de D. Pedro II, ele era inegavelmente um Orleans e Bragança, legítimo membro da antiga família real portuguesa: o pai, Pedro I, deixara o Brasil para ser D. Pedro IV em Portugal, e os reis subsequentes daquele país, de uma irmã a sobrinhos e sobrinhos-netos, eram todos parentes de nosso imperador (a monarquia portuguesa duraria até 1910).

O menino Lima Barreto teve os estudos pagos por seu rico padrinho, um apoio que não cessou mesmo quando este foi exilado junto com o imperador deposto e, apesar de dificuldades causadas pelas questões familiares, cursou o prestigioso Colégio D. Pedro II e começou a faculdade de engenharia, que não concluiria. Por “questões familiares” entenda-se ajudar a cuidar da casa e dos irmãos, pois, diante da sucessão de desgraças que acometia a família, a saúde mental do pai começou a se deteriorar, levando-o a ser internado, mais de uma vez, em hospitais psiquiátricos (antecipando o que poucos anos depois aconteceria com o próprio escritor).

Ainda estudante de engenharia, Lima Barreto começou, em 1902, a escrever para jornais do Rio de Janeiro, e em pouco tempo já era um nome respeitado. Havia muito sobre o que opinar e criticar, pois, como em toda mudança de regime, as primeiras décadas da República foram bastante tumultuadas, com velhas e novas forças políticas tentando se acomodar à realidade recente. Havia, conforme vimos acima, os militares, mas também intelectuais nacionalistas como Euclides da Cunha, Olavo Bilac e Alberto Torres, que apoiaram a derrubada da monarquia. E ainda, as antigas oligarquias rurais, agora com predomínio de paulistas e mineiros. Eram tempos em que nem os jornais, nem a literatura, podiam ser politicamente neutros. Sempre se tomava posição, não poucas vezes com agressividade, a favor de um grupo ou de outro.² Lima Barreto, naturalmente, não poderia fugir a isso, embora o lado “jornalista” fosse em geral mais explicitamente envolvido na política do dia a dia do que o lado “romancista”, o

1 A filosofia positivista, hoje praticamente relegada a capítulos secundários da história da filosofia, foi um movimento, criado pelo francês Auguste Comte, que teve enorme influência no Brasil dos últimos anos do Império e do começo da República, especialmente entre os civis e militares que levaram a cabo a mudança de regime. O que se defendia era uma crença quase religiosa (chegou-se mesmo a criar uma “igreja positivista”) e autoritária no progresso, na nação e na ciência. Como herança, ainda temos, na bandeira do Brasil, a frase de Comte: “Ordem e Progresso”.

2 Um belo panorama dos conflitos ideológicos na literatura daqueles tempos, inclusive com um capítulo dedicado a comparar as posições distintas entre Euclides da Cunha e Lima Barreto, está no livro de Nicolau Sevcenko, *Literatura como Missão – Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, São Paulo, Brasiliense, 1983.

qual, para o bem da literatura, conseguia ver mais longe. Dentro dessa linha, Antonio Candido escreveu: “Para Lima Barreto a literatura devia ter alguns requisitos indispensáveis. Antes de mais nada, ser sincera, isto é, transmitir diretamente o sentimento e as ideias do escritor, da maneira mais clara e simples possível. Devia também dar destaque aos problemas humanos em geral e aos sociais em particular [...]. Isto, porque no seu modo de entender ela tem a missão de contribuir para libertar o homem e melhorar sua convivência.”³

Um dos grandes alvos do Lima Barreto jornalista foi o presidente Hermes da Fonseca (1910-1914). Apesar de legalmente eleito, tratava-se de mais um marechal no poder e, pior ainda para o juízo do escritor, era sobrinho (e protegido) do marechal Deodoro da Fonseca, o comandante do exército que (na visão de Lima) traiu D. Pedro II e liderou o golpe contra a monarquia para virar o primeiro presidente da República.

Mulato, pobre, Lima Barreto era dono de um reconhecido talento para a escrita. Mas, se hoje a vida de escritor no Brasil é difícil, nas primeiras décadas do século passado era muito mais (durante algum tempo Lima foi funcionário público com o cargo de amanuense, uma atividade subalterna, hoje extinta, responsável, numa repartição ou escritório, por copiar documentos). Além disso, fosse por sua origem social, por sua cor da pele ou pela ácida combatividade com que criticava os novos donos do poder, seus livros recebiam muito pouco reconhecimento da crítica literária tradicional.

Vivendo em situação de permanente precariedade financeira, não é de estranhar que Lima Barreto nutrisse um grande rancor pelas pessoas que via como responsáveis (e favorecidas) por aquele estado de coisas. Ao mesmo tempo, era previsível que alimentasse uma memória idílica de sua primeira infância, com mãe viva, pai bem empregado e um generoso padrinho, o visconde de Ouro Preto, como se para o Brasil e os brasileiros a época que passou tivesse sido muito melhor. Afinal, pensando objetivamente, por mais problemas que tivesse a república — e ela não só tinha, como ainda tem — é difícil imaginar que um regime liderado por monarca hereditário, sustentado por uma elite escravagista, pudesse ser mais benéfico para a população do que um outro no qual se elegiam os dirigentes e todos eram, pelo menos em teoria, cidadãos iguais perante a lei. O fato é que, diante de sua história de vida, não deve surpreender que Lima Barreto, sob um ponto de vista político e ideológico, fosse uma verdadeira contradição ambulante. Se por um lado criticava acidamente a República, dizendo-se monarquista, por outro reclamava do preconceito de raça que sofria, uma herança do Brasil monárquico. Defendia um mundo mais justo, mas detestava novidades, como futebol, cinema e arranha-céus. Na realidade, o mais provável

3 Antonio Candido, *A Educação pela Noite e outros ensaios*, São Paulo, Ática, 1987, p. 39.

é que estaremos mais perto da realidade se classificarmos Lima Barreto como um brilhante e contraditório anarquista⁴.

Muito mais do que o conteúdo crítico, porém, o que fascina nos livros de Lima Barreto é o estilo da escrita. Limpas, diretas, ágeis e irônicas, suas frases fugiam do rebuscamento parnasiano da maior parte de seus contemporâneos, como Olavo Bilac e Coelho Neto. Ainda, se aproximava de Monteiro Lobato e antecipava muito do que fariam os modernistas, como Mario e Oswald de Andrade⁵, e autores da “Geração de 30”, como Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado⁶. A crítica literária, fixando o início do Modernismo com a Semana de 22, classificou Lima Barreto como autor pré-modernista. Mas a verdade é que o seu estilo literário, ágil e limpo, é a rigor até mais “moderno” do que o de alguns autores incluídos no Modernismo. Mas, para o leitor, pouco deveriam importar essas classificações. O que conta é que Lima Barreto está, sem dúvida, entre os mais refinados estilistas da literatura brasileira.

Lima Barreto concorreu três vezes a uma vaga na Academia Brasileira de Letras. Perdeu as duas primeiras eleições e, sabendo que seria novamente derrotado, desistiu antecipadamente da terceira⁷. Talvez por excesso de trabalho, de frustração com a vida, de rancor, ou mesmo por fatores genéticos herdados, Lima Barreto, além de alcoolismo, sofria de uma forte depressão e acabou sendo internado, por duas vezes, em hospitais psiquiátricos. Com apenas 41 anos de idade e saúde debilitada, Lima Barreto morreu em casa, no dia 1 de novembro de 1922, provavelmente vítima de um enfarte.

Os romances de Lima Barreto são sempre peças de combate e, ora mais, ora menos, autobiográficos. Alguns, como *Numa e a Ninfa* (1915), acabam por se mostrar tão politicamente explícitos que beiram a pura panfletagem contra políticos e jornalistas adversários, em que os leitores da época podiam identificar

4 Astrojildo Pereira, que analisou a vida e a obra de Lima Barreto sob um viés marxista, foi quem apon-
tou esse traço, e via nas origens complicadas do romancista, nas quais a vida sob a monarquia parecia
ser mais bela e justa do que sob a república, a explicação para essas contradições. Ver, dele, *Interpreta-
ções*, São Paulo, Boitempo, 2022 (1ª ed. de 1944).

5 Lima Barreto foi apresentado ao Modernismo de 1922 pelo jovem (e futuro historiador) Sérgio Buar-
que de Holanda, que levou ao romancista carioca, pouco tempo antes da morte deste, um exemplar da
revista *Klaxon*. Possivelmente por sua atitude iconoclasta e rancorosa, Lima desdenhou do movimento
paulista, dizendo que era coisa sem importância feita por “moços que ajeitam os seus monóculos para-
dos às esquinas, o braço em arco, pálidos, faces encovadas, a mão branca e longa nos acenando gestos
nervosos.” Se tivesse avaliado o material com mais serenidade, Lima teria encontrado nele ecos de sua
própria obra, e poderia ter se tornado, talvez, uma espécie de patrono do movimento, o que poderia ter
levado sua obra a ser revalorizada muito antes do que foi.

6 Alfredo Bosi, *História Concisa da Literatura Brasileira*, São Paulo, Cultrix, 1985, pp. 357-367.

7 Na segunda tentativa, em 1921, ele pelo menos perdeu para um intelectual de peso, o crítico Afrânio
Peixoto. Mas na primeira, em 1917, a derrota foi para Guimarães Passos, amigo de Olavo Bilac, um
poeta medíocre que, já pouco valorizado em sua época, mergulhou em completo e merecido esqueci-
mento após sua morte.

facilmente os alvos reais por trás dos mal disfarçados nomes dos personagens. Passado o tempo, com quase todas as vítimas da ácida pena do autor já esquecidas sob a poeira do tempo, a obra perde boa parte de seu significado⁸. Mas Lima Barreto não se limitaria aos combates ideológicos do dia a dia, sendo hoje muito mais lembrado por seus romances fortes e universais, de gigantesca qualidade literária. Destes, o ponto mais alto, sem dúvida, é o *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, uma das obras-primas da literatura brasileira de todos os tempos.

O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

Triste Fim de Policarpo Quaresma é a obra-prima de Lima Barreto. A maioria dos estudiosos o situa entre os romances brasileiros mais importantes de todos os tempos, ao lado de obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. Além da qualidade literária da obra, com sua escrita refinada, personagens bem compostos e uma narrativa bem tramada, o livro, ao criticar aspectos da vida brasileira da época, como, por exemplo, o nacionalismo exacerbado e a interferência dos militares na política, não deixa de ser bastante atual.

O romance apareceu pela primeira vez entre agosto e outubro de 1911, de forma serializada, pelo *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, uma prática bastante comum até as primeiras décadas do XX. Por conta do desinteresse das editoras pelo romance, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* só sairia em livro quatro anos depois, em 1915, em edição financiada pelo próprio autor.

A história se passa no Rio de Janeiro (e, em quase toda a segunda parte, numa pequena cidade próxima) durante o governo do marechal Floriano Peixoto, o segundo presidente do Brasil, que, surpreendentemente, tinha tendências até mais autoritárias do que o recentemente deposto D. Pedro II. Não é à toa, portanto, que Floriano e seu governo tenham merecido uma especial antipatia por parte de Lima Barreto.

O livro é dividido em três partes, cada uma com cinco capítulos. Na primeira, o leitor é apresentado ao major Policarpo Quaresma, um funcionário público de pouca relevância, solteirão, solitário, de inteligência mediana, baixo, magro e, o que é mais importante para o romance, fanaticamente nacionalista. Ou seja, Quaresma é o mais perfeito modelo da mediocridade pequeno-burgue-

8 Como evidência de que obras muito presas às lutas políticas de ocasião tendem a não permanecer, o crítico Wilson Martins lembra que, naquele mesmo 1915, um livro na mesma linha de Numa, chamado *Antônio Chimango*, de autoria de Ramiro Barcelos (1851-1916) sob o pseudônimo de Amaro Juvenal, fez um razoável sucesso. Pois quem se lembra desse livro, hoje? Ver Wilson Martins, *História da Inteligência Brasileira*, Vol. VI (1915-1933), São Paulo, Cultrix e EDUSP, 1978, pp. 7-12.

sa e suburbana que Lima Barreto se esmera em criticar e ridicularizar. A patente de major, um pouco fantasiosa, só é explicada pelo narrador no fim do livro, mas somos informados logo no início que, por conta de seu físico mirrado, foi recusado, quando jovem, ao se alistar no exército. Já aí temos indícios da ironia de Lima Barreto, uma vez que, por exclusão, Policarpo só poderia ser, na melhor das hipóteses, um major da Guarda Nacional, a caricata “força de reserva”, a mesma que dava o título de “coronel” aos grandes fazendeiros e que quase nunca passou sequer perto de uma batalha.

Policarpo Quaresma alimenta uma única obsessão, o patriotismo, mas trata-se de um sentimento tão intenso, tomando de tal forma a alma de nosso personagem, que acaba por comprometer toda a pacatez de sua existência. Não por acaso, mais de um estudioso comparou Policarpo Quaresma ao Dom Quixote, de Miguel de Cervantes. A ingenuidade, a teimosia e o extremo nacionalismo de Policarpo não haveriam, como o título do livro já sugere, de conduzir sua vida a um desfecho feliz.

O patriotismo de Quaresma é tão forte que em sua biblioteca quase só há livros sobre o Brasil; em seu pomar, apenas árvores frutíferas brasileiras; as músicas que aprecia, somente as modinhas genuinamente nacionais. Quando conversa, exalta nosso clima, mais ameno; nossas paisagens, as mais belas; nossas terras, as mais férteis; nosso céu, o mais azul; nossos rios, os mais extensos, e assim por diante. Nada disso, inicialmente, chega a prejudicá-lo, pois seus colegas de repartição até acham graça nas conversas do major. Mas a mania não para de crescer e, no momento em que ele apresenta ao Congresso um requerimento para que o tupi-guarani seja adotado, em vez do português, como língua oficial do Brasil, sustentando que só ela, a língua tupi, poderia traduzir com perfeição todos os sentimentos da alma brasileira, as coisas começam a se complicar. O caso fica famoso e o antes discreto major passa a frequentar, como alvo de piadas, as páginas dos jornais. E a coisa vai crescendo tanto que, reproduzindo uma realidade que Lima Barreto conhecia intimamente, também o major Quaresma será enviado para passar uns tempos no hospício.

Policarpo Quaresma morava num bairro suburbano do Rio de Janeiro, cujos habitantes, medíocres, mas com aspirações de grandeza, são um outro alvo da escrita ferina de Lima Barreto (que, ele mesmo morador de um bairro assim, conhecia muito bem). Viviam nas redondezas, por exemplo, o general Albernaz e o contra-almirante Caldas. Ambos reformados, obtiveram as respectivas patentes por meio de promoções-prêmio quando foram para a reserva, os dois sem ter participado, na vida, de uma única batalha. Quando, numa festa, o general Albernaz, empolgado, relata um dos sangrentos combates da Guerra do Paraguai, e um dos convivas pergunta a ele se participou, a resposta é: “Não assisti.

Adoei e vim para o Brasil nas vésperas. Mas tive muitos amigos lá: o Camisão, o Venâncio...”

Os vizinhos, apesar de estranhar as maluquices, até que gostam de Policarpo. Todos acham esquisito, por exemplo, que entre as novas obsessões do major surgisse, de repente, o aprendizado do violão. Esse era, então, relacionado a pessoas menos favorecidas, quase marginais. Mas, na opinião de Quaresma, o violão, eminentemente brasileiro, era o único instrumento que conseguia traduzir, em música, a alma brasileira. Convencidos, os vizinhos aceitam e até apoiam aquilo, inclusive recebendo em suas casas o professor, Ricardo Coração dos Outros, que até mesmo tocará modinhas na festa de casamento de uma das filhas do general Albernaz. Quando, mais adiante no livro, por conta de suas desventuras, praticamente todos os amigos abandonam Quaresma, Ricardo, o antigo professor de violão, será um dos poucos a permanecer fiéis a ele.

Na segunda parte, Quaresma, aposentado precocemente do serviço público, deixa o Rio de Janeiro e vai para o campo, passando a viver num sítio, o Sossego, no qual tentará provar sua tese de que não há terra tão fértil quanto a brasileira, a qual, sustenta ele, nem mesmo precisa ser adubada, bastando o trabalho pesado, aliado à inteligência, para que se multipliquem colheitas e lucros. Não é preciso muito esforço para adivinhar que, também aqui, o otimismo quixotesco de Quaresma não será recompensado da maneira como ele inicialmente esperava.

Logo no início, um ingênuo e puro Policarpo Quaresma se vê involuntariamente envolvido na atividade política mesquinha das pequenas cidades de interior, com a qual não sabe lidar, e diante da qual haverá de sofrer reveses. Mas, pior do que isso, é a própria atividade agrícola que vai colocar em xeque todas as crenças otimistas que ele alimentava a respeito da Ciência. Um bom exemplo está no seguinte trecho, que inclui a opinião do ajudante Felizardo, um caboclo analfabeto: “É verdade que deixara de parte os instrumentos de meteorologia. O higrômetro, o barômetro e outros companheiros não eram mais consultados e as observações anotadas num caderno. Dera-se mal com eles [...]. O certo é que toda a previsão que Quaresma fazia, baseada em combinações dos seus dados, saía errada. Se esperava tempo seguro, lá vinha chuva; se esperava chuva, lá vinha seca. Assim perdeu muita semente e Felizardo mesmo sorria dos seus aparelhos, com aquele grosso e cavernoso sorriso de troglodita: Quá patrão! Isso de chuva vem quando Deus qué!” Aqui é possível perceber a distância que Lima Barreto tomava dos modismos: por um lado, desdenhava do cientificismo positivista abraçado por Quaresma, tão em voga entre as elites brasileiras daqueles anos; mas, por outro, tampouco embarcava em qualquer romantização de “saberes populares das pessoas simples”.

As dificuldades enfrentadas por quem se dispusesse a cultivar a terra estavam muito além das simples soluções científicas imaginadas por Quaresma. Um trecho especialmente dramático mostra como os desafios podiam ser bem maiores do que supunha a presunção inicial do major. As saúvas, formigas ferozes, destruidoras de lavouras no Brasil desde o começo da colonização, ficaram famosas desde que, no século XIX, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire proferiu a frase, tantas vezes repetida: “Ou o Brasil acaba com a saúva, ou a saúva acaba com o Brasil”.⁹ Certa noite, Quaresma é despertado por um forte barulho na casa, que não consegue identificar. Depois de olhar pelas janelas e rondar por todos os cômodos, acaba entrando na despensa. “Abriu a porta; nada viu. Ia procurar nos cantos, quando sentiu uma ferroada no peito do pé. Quase gritou. Abaixou a vela para ver melhor e deu com uma enorme saúva agarrada com toda fúria à sua pele magra. [...] O chão estava negro, e carregadas com os grãos, elas, em pelotões cerrados, mergulhavam no solo [...]. Quis afugentá-las. Matou uma, duas, dez, vinte, cem; mas eram milhares e cada vez mais o exército aumentava. Veio uma, mordeu-o, depois outra, e o foram mordendo pelas pernas, pelos pés, subindo pelo seu corpo. Não pôde aguentar, gritou, sapateou e deixou a vela cair.”

Com sua experiência como fazendeiro longe de ser o sucesso que planejava, e ao ouvir falar que, na Baía da Guanabara, havia sido deflagrada uma revolta da Marinha contra o governo, Quaresma apressou-se de volta ao Rio de Janeiro, e assim chegamos à parte três do romance. A rebelião dos almirantes, que ficou conhecida como Revolta da Armada (de setembro de 1893 a março de 1894), foi mais um dos eventos dramáticos que marcaram os anos iniciais do regime republicano no Brasil. Diante do crescente autoritarismo, inicialmente por parte do marechal Deodoro da Fonseca, o primeiro presidente, e em seguida do marechal Floriano Peixoto, o segundo presidente, os altos oficiais da Marinha decidiram rebelar-se.¹⁰ Quaresma, republicano, positivista e legalista, firmemente

9 Hoje sabemos que a saúva não é assim tão nociva. O grande estrago que ela fazia nos cafezais e em outras plantações era, em grande parte, provocado pela disseminação da agricultura de monocultura, sem os devidos cuidados com a ecologia e a biodiversidade, na qual seus predadores naturais eram exterminados.

10 As interpretações a respeito da Revolta da Armada variam. Há quem sustente que a Marinha estava preocupada com a trajetória autoritária dos primeiros presidentes, ambos marechais, ameaçando transformar o país em uma ditadura militar. Mas há também quem afirme que a revolta foi causada por reacionários desejosos de restaurar a monarquia, e também por oficiais da Marinha inconformados com a hipertrofia do poder do Exército e atrofia da Marinha, mais aristocrática e que desfrutara de maior prestígio durante o Império. O fato é que, após uma sucessão de confrontos e muitos tiros trocados de lado a lado, ficou evidente que os navios da Marinha até podiam bombardear o Rio de Janeiro, mas não tinham músculos para vencer o conflito, e os revoltosos acabaram se rendendo. Sobre o período, ver, de Fernando Henrique Cardoso, “Dos Governos Militares a Prudente-Campos Sales”, em *O Brasil Republicano*, vol. I *Estrutura de Poder e Economia (1889-1930)*. Dir. Boris Fausto. São Paulo, Difel, 1975.

decidido a apoiar o presidente Floriano Peixoto, deixa seu sítio e apressa-se em direção ao Rio de Janeiro.

A terceira parte do livro gira quase que exclusivamente em torno da reação do governo e dos papéis de Floriano Peixoto e Policarpo Quaresma no conflito. Floriano, que chega a recebê-lo em seu gabinete, reforçando o otimismo de Quaresma, não vai demorar a exibir sua verdadeira face, para desânimo de nosso protagonista. Aqui já há outro tom: não se trata mais do otimista Policarpo das duas primeiras partes (seja com a Pátria, na primeira, ou com a terra, na segunda), mas um melancólico e desiludido major. A figura de Floriano Peixoto e a filosofia positivista, ambos, como vimos anteriormente, merecedores do desprezo de Lima Barreto, são explicitamente criticados. A mudança de tom é sentida também na forma como o autor trata de seu personagem. Se, nas duas primeiras partes, ele leva o leitor a achar graça nas caricatas maluquices do major, agora nos sentimos solidários, compartilhando com ele as frustrações que a vida lhe reservou, o que inclui até mesmo o abandono por parte de quase todos os que, antes, se diziam amigos. Embora a pessoa de Lima Barreto em nada se pareça com seu protagonista, não é difícil inferir que no fim do livro, diante das desilusões de Quaresma, autor e personagem acabam por se aproximar.

Por que ler este clássico? Em primeiro lugar, por seus méritos literários, pois, magistralmente composta, esta é uma história comovente e atual, escrita com um estilo límpido e muito pessoal, algo que se destaca ainda mais se o compararmos com a maneira como quase todos os contemporâneos de Lima Barreto escreviam. Além disso, o leitor fica conhecendo de perto, não sem boa dose de crítica e ironia, o nosso país nos primeiros anos da República, a política, as ideias em circulação e a vida nos subúrbios do Rio de Janeiro. E conclui, por fim, que o Brasil retratado por Lima Barreto em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* era um país triste, bem diferente da generosa pátria imaginada pelos fundadores da República, no qual as promessas de grandeza, igualdade e cidadania estavam muito longe de se tornar realidade.

